

REFLEXÕES ACERCA DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER A PARTIR DO ROMANCE *A CONSTRUÇÃO DO VAZIO*, DE PATRÍCIA REIS

REFLECTIONS ON VIOLENCE AGAINST WOMEN BASED ON THE NOVEL *A CONSTRUCTION DO VAZIO*, BY PATRÍCIA REIS

*Jaqueline Vieira de Lima*¹
*Luana Micaelhy da Silva Moraes*²

RESUMO

O presente artigo busca discutir acerca da problemática da violência contra a mulher. Para tanto, toma como *corpus* de análise o romance português contemporâneo *A construção do vazio* (2017), da autora Patrícia Reis. O nosso objetivo consiste em analisar as violências sofridas pela personagem Sofia. Como objetivos específicos pretendemos mostrar como a literatura de autoria feminina, bem como a posição ideológica da autora da narrativa interfere no viés da discussão e colabora para a denúncia da problemática; e identificar que as agressões pelas quais a personagem passou tornaram seu corpo disciplinado e degradado. A nossa análise está embasada nos estudos críticos de Heleieth Saffioti (2011), Carlos Magno Gomes (2011), Elódia Xavier (2007), Elisabeth Grosz (2000), dentre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Violência. Mulher. Representação Literária. Autoria feminina.

ABSTRACT

This article seeks to discuss about the issue of violence against women. For this purpose, it takes as a corpus of analysis the contemporary Portuguese novel *A construção do vazio* (2017), by author Patrícia Reis. Our aim is to analyse the violence suffered by the character Sofia. As specific objectives, we intend to show how women's writing, as well as the ideological position of the author of the narrative, interferes with the bias of the discussion and contributes to denouncing the problem; and identify that the attacks the character went through made her body disciplined and degraded. Our analysis is based on the critical studies of Heleieth Saffioti (2011), Carlos Magno Gomes (2011), Elódia Xavier (2007), Elisabeth Grosz (2000), among others.

KEYWORDS: Violence. Woman. Literary Representation. Women's writing.

INTRODUÇÃO

Por que foi comigo que aconteceu isso? Minha mãe sabia e não fez nada para me proteger, chegou até a me bater quando eu disse o que ele fazia comigo. Me sinto muito sozinha.
(Relato de A. 17 anos, In.: *Abrapia*, 2009)

A violência contra mulheres, crianças e adolescentes é uma problemática que atinge cada vez mais a sociedade. Para comprovarmos esse fato, basta atentarmos para a quantidade de casos que figuram nos noticiários diariamente, como também para os dados divulgados pela Organização das Nações Unidas (ONU). Segundo o relatório de 2019, uma em cada cinco mulheres com idades entre 15 a 49 anos sofreram violências físicas ou sexuais de seus companheiros. No que diz respeito, especificamente, às crianças, o relatório global mais recente aponta que metade das existentes no mundo são acometidas por atos violentos. Acrescenta-se a isso os casos que ainda são silenciados.

Na sociedade portuguesa, os dados indicam que há um alto índice de violência contra mulheres. De acordo com a Associação de Mulheres Contra a Violência (AMCV), uma em cada três mulheres do país sofre, durante a sua vida, alguma forma de violência. Na maioria das vezes, esse crime ocorre dentro dos próprios lares, em famílias com boas condições sociais, e, aparentemente, bem estruturadas. Isso possibilita que tais práticas se tornem mais fáceis de serem camufladas, visto que as aparências servem como pano de fundo para as agressões.

Pensando nisso neste artigo, discutimos acerca dessa problemática a partir do romance português contemporâneo *A construção do vazio* (2017), de Patrícia Reis. O nosso principal interesse está em analisar como essa questão é apresentada pela autora por meio da representação da

personagem Sofia. Os objetivos específicos são: mostrar como a literatura de autoria feminina e a posição ideológica da escritora interferem no viés da discussão, colaborando, assim, para a denúncia; identificar como as violências sofridas pela personagem geram um corpo disciplinado e degradado.

A escolha desta abordagem justifica-se por acreditarmos que esse assunto merece ser discutido nas mais diversas áreas, como na literatura, uma vez que, ao colocar em destaque temáticas como estas, a obra literária torna-se um rico mecanismo de denúncia, possibilitando uma maior conscientização e reflexão por parte dos indivíduos.

Posto isto, destacamos que a autora Patrícia Reis, uma das representantes da literatura portuguesa contemporânea de autoria feminina, também historiadora e jornalista, iniciou sua carreira como escritora de ficção em 2004 com o romance *Cruz das almas*. Posteriormente, publicou *Amor em segunda mão* (2006), *Morder-te o coração* (2007), *No silêncio de Deus* (2008), *Antes de ser feliz* (2009), *Por este mundo acima* (2011), *Contracorpo* (2013), *Gramática do medo* (2016) e *As crianças invisíveis* (2019).

O romance *A construção do vazio* foi publicado em 2017 e chegou a ser um dos finalistas do Prêmio Oceanos em 2018. Essa narrativa gira em torno da história de Sofia, personagem que sofre variados tipos de violências na infância e vida adulta. Esses episódios acabam colaborando, como o próprio título indica, para a construção de uma vida vazia. A obra, para além da temática central, foco da nossa análise, apresenta outros aspectos relevantes, a exemplo da maternidade indesejada, aborto, conflitos nas relações familiares, identidade e importância da amizade.

A metodologia adotada nesta pesquisa é exploratória e de cunho bibliográfico. Como embasamento teórico-crítico, recorreremos aos estudos de Heleieth Saffioti (2011), que nos ajudou a compreender os aspectos relacionados à violência contra a mulher na sociedade; Carlos Magno Gomes (2013) embasou a nossa reflexão acerca da representação dessa temática na literatura; Elódia Xavier (2007) e Elisabeth Grosz (2000), contribuíram para fundamentar a análise sobre os estudos do corpo, dentre outros.

ROMPENDO O SILÊNCIO: A REPRESENTAÇÃO DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NA LITERATURA DE AUTORA FEMININA

O pesquisador Carlos Magno Gomes (2013), ao realizar um estudo sobre a representação da violência contra a mulher na literatura brasileira, constatou que, desde o século XIX, há diversos registros dessa prática. Essas se apresentam desde formas sutis ao “horror da violência física e simbólica que sustentam a dominação masculina. Do término do casamento ao assassinato brutal da mulher” (GOMES, 2013, p. 2). De acordo com o estudioso, nas representações da literatura de autoria masculina, a postura do agressor e a violência cometida é justificada como uma prática comum para a ma-

nutenção da honra do patriarca. O autor exemplifica essa questão a partir do romance regionalista *Menino do engenho* (1932), de José Lins do Rego. A narrativa, conforme Gomes, traz a representação da violência contra a mulher como aceitável na sociedade patriarcal:

O pai do narrador, Carlos, mata a esposa após descobrir a traição. [...] Na ficção de Rego, o feminicídio não é questionado em nenhum momento da narrativa, pois o homicida enlouquece e se mata, restando o sentimento de pena e compaixão a seu favor. Vale destacar que, mesmo sendo criado pelo avô, no engenho, sem o carinho materno, sem os cuidados necessários, o narrador adulto não questiona a postura do pai. Pelo contrário, a morte trágica da mãe é vista como parte da tradição daquela região. (GOMES, 2013, p. 2-3)

Esses aspectos passaram a ser questionados com mais ênfase na literatura de autoria feminina a partir do século XX, e, mais especificamente, nos anos 1960/1970, momento em que o pensamento feminista, na sua chamada segunda onda, centrava-se em questionamentos acerca da alteridade, diferença sexual e opressão contra as mulheres, ou seja, nesse período, seu enfoque mostrou-se mais politizado. Nessa perspectiva, a estudiosa Simone Pereira Schmidt (2015) afirma que, com a legenda intitulada “O privado é político”, o feminismo se opôs ao fato de que os acontecimentos ocorridos na intimidade do lar deveriam permanecer em silêncio. A este respeito, a autora acrescenta:

Em nome dessa ‘privacidade’ todos os segredos das famílias permaneciam ocultos, esposas sofriam em silêncio agressões e abandono, filhos e filhas reprimiam sua sexualidade e tudo era vivido em segredo. Quase tudo era proibido. O feminismo propôs o rompimento definitivo dessa parede que ocultava o privado do público; bradou, nos anos 70, que quem ama não mata, e que lavar a honra conjugal com sangue não era direito do marido; pelo contrário, era uma barbárie cometida diariamente contra as mulheres. (SCHMIDT, 2015, p. 484)

Diante disso, embora já muito discutido no âmbito acadêmico, torna-se pertinente enfatizar que o movimento feminista foi – e continua sendo – fundamental na luta desempenhada pelas mulheres para reivindicar o seu lugar no mundo. Assim, se hoje conseguimos nos posicionar, questionar acerca de problemáticas como a discutida neste trabalho, devemos isto a outras mulheres que nos antecederam.

Posto isto, o fato é, como reflexo das mudanças proporcionadas por esse movimento, que novos olhares se voltaram sobre a mulher, não apenas na literatura, mas também em outras áreas, a exemplo da Sociologia, Psicanálise, História, Antropologia. Nesse sentido:

A ênfase do enfoque sobre a mulher nas diversas áreas de estudo é resultado direto do movimento feminista das décadas de 60 e 70, e pretendeu/ pretende principalmente, destruir os mitos da inferioridade “natural”, resgatar a história das

mulheres, reivindicar a condição de sujeito na investigação da própria história, além de rever, criticamente, o que os homens até então, tinham escrito a respeito. (DUARTE, 1987, p. 15)

No âmbito dos estudos críticos literários, naquela época surgiu também a vertente referente à Crítica Literária Feminista, cujo intuito era questionar a prática acadêmica tradicional de cunho patriarcal. E, desde então, vem possibilitando um novo modo de leitura e interpretação do texto literário, em que confere notoriedade à figura da mulher. Essa linha crítica, de acordo com Lúcia Osana Zolin (2009), mostra que, após a década de 1960, a produção de autoria feminina passou a levar em consideração suas experiências pessoais e, em vista disso, em vez de papéis sexuais atribuídos a elas pela ideologia patriarcal, passaram a discutir sobre sexualidade, identidade, angústias femininas e temas especificamente femininos, como nascimento, maternidade, estupro, dentre outros.

Consoante essa questão, Gomes (2013, p. 3) destaca que, desde o século XX, essa literatura passou a questionar os diferentes tipos de violência física e simbólica contra a mulher, repudiando a dominação masculina. Segundo o pesquisador brasileiro, a partir dos anos 70, escritoras brasileiras, como Clarice Lispector, Lygia Fagundes Telles, Marina Colasanti, Lya Luft, Nélide Piñon, Patrícia Melo, entre outras, passaram a enfatizar esta temática em suas narrativas. Nesse caso, essas autoras parecem apresentar um diferencial a respeito da problemática, que é o viés crítico com teor de denúncia.

No que concerne à literatura portuguesa, também na década de 1970, esta temática esteve presente. Podemos observar isso na obra *Novas Cartas Portuguesas* (1972), de autoria de Maria Isabel Barreno, Maria Teresa Horta e Maria Velho da Costa. Nesse livro as autoras denunciam a violência e a subordinação sofrida pelas mulheres que viviam naquele contexto. Outras escritoras como Lídia Jorge, Inês Pedrosa, e, em produções mais recentes, Patrícia Reis, vêm tematizando criticamente esta questão nas suas narrativas.

DA INFÂNCIA ROUBADA A UM FUTURO VAZIO: ASPECTOS DA VIOLÊNCIA FÍSICA, PSICOLÓGICA E SEXUAL NA REPRESENTAÇÃO DA PERSONAGEM SOFIA

O romance *A construção do vazio* (2017) gira em torno da história de Sofia, protagonista e narradora da obra. Logo, é por meio do relato memorialístico da personagem que vamos conhecendo a sua trajetória de vida, da infância à fase adulta. Tendo sido desde cedo marcada por acontecimentos trágicos, durante a infância esteve submetida a uma relação familiar conflituosa, pois vivia em meio a uma família “faz de conta” (REIS, 2017, p. 11), semelhante à sua casinha de boneca. Nesse período ela sofreu uma série de violências físicas e psicológicas cometidas pelos pais, e sexuais, praticadas de forma específica, pelo pai. Desse modo, nos primeiros momentos da narrativa, deparamo-nos com o relato sobre os atos violentos executados pela mãe:

A minha mãe pegou-me ao colo, virou-me de cabeça para baixo, as mãos fortes nas minhas pernas, unhas de sangue e, sem qualquer hesitação, colocou o meu corpo de criança fora da janela, pronto para voar. Para morrer. Por causa de um dedal [...]. (REIS, 2017, p. 22)

Nesse período a protagonista tinha apenas quatro anos. Logo após esse acontecimento o silêncio passa a dominá-la. No entanto, nada se compararia ao que estava prestes a sofrer. Assim, é por meio do discurso forte e direto da personagem-narradora que o leitor descobre como a menina Sofia, feito um animal, foi vítima de violência sexual aos dez anos de idade:

Num dia longo, o mais longo da minha vida, o meu corpo deixou de ser meu. A liberdade chegará mais tarde, com a coragem da minha mãe, e a minha mãe, já sei, era covarde, tão covarde. Via as minhas cuecas, eu de pernas para o ar, eu a vê-las no chão e o meu pai a lambe-me na casa de banho, o sexo imberbe, e eu a perguntar, isto serve para quê? É suposto dizer o quê? Ele colocava-se perto de mim, a respiração acelerada, e sentia o cheiro ao seu suor, ele devia sentir o meu, embora o meu fosse do medo e nada mais. (REIS, 2017, p. 22)

De acordo com Moreschi (2018, p. 20), as práticas violentas desse tipo são geralmente cometidas por pessoas próximas da vítima, podendo se manifestar dentro do ambiente doméstico (intrafamiliar) ou fora dele (extrafamiliar).

No que diz respeito ao abuso sexual infantil, a ABRAPIA considera que se trata de:

Uma situação em que uma criança ou adolescente é usado para gratificação sexual de um adulto ou mesmo de um adolescente mais velho, baseado em uma relação de poder que pode incluir desde carícias, manipulação da genitália, mama ou ânus, exploração sexual, 'voyeurismo', pornografia e exibicionismo, até o ato sexual com ou sem penetração, com ou sem violência física. (ABRAPIA, 2009, p. 6)

O abuso sexual praticado contra crianças e adolescentes não é um fenômeno novo. Desde tempos remotos – segundo a ABRAPIA (2009, p. 6), os príncipes Incas, por exemplo, mantiveram sua linhagem pura por quatorze gerações com casamentos entre irmãos – a prática do incesto e a exploração sexual cometida pelos próprios pais ou parentes das crianças estavam presentes na sociedade. Nesse sentido, a origem e os fatores que determinam este ato abusivo têm implicações diversas, envolvendo questões culturais, como também de relacionamento, ou seja, de dependência social e afetiva entre os membros da família, o que “dificulta a notificação e perpetua ‘o muro do silêncio’” (ABRAPIA, 2009, p. 6).

Na narrativa em análise, Sofia passa a ser abusada frequentemente pelo pai, e, desde a primeira vez do ocorrido, deixa de falar e se alimentar. Tal atitude é um “sintoma muito comum em casos de violência sexual” (DUTRA,

2019, p. 145). Dessa forma, perante a recordação de tamanho sofrimento, a personagem lembra que naqueles momentos se perguntava onde a sua mãe estava que não a ajudava, questionava-se o porquê de ela não intervir na situação. Neste ponto, atentamos para o fato da menina ser uma criança que faz parte de uma família tradicional: um pai militar, típica representação do poder patriarcal e da manutenção da ordem, a mãe, uma dona de casa – pelos indícios apontados no texto – que também sofria violência. Dentro desse contexto, é comum as famílias fingirem que não veem o que está acontecendo para manterem a posição da família perfeita. Nesse sentido:

Há [...] uma ideologia de defesa da família, que chega a impedir a denúncia, por parte de mães, de abusos sexuais perpetrados por pais contra seus(suas) próprios(as) filhos(as), para não mencionar a tolerância, durante anos seguidos, de violências físicas e sexuais contra si mesmas. (SAFFIOTI, 2011, p. 74)

Na obra, com o desenrolar da trama, o leitor toma conhecimento de que a mãe de Sofia parecia não saber do abuso sexual que o esposo cometia contra a filha.

Além disso, retomando a fase da infância da personagem, destacamos que, à medida que vai crescendo, ela passou a fugir de casa quando o pai chegava. Na maioria das vezes ia para a residência de Rosa, sua amiga e vizinha. Essa foi a forma encontrada de resistir aos abusos cometidos pela figura paterna. No entanto, sempre que retornava ao lar a mãe lhe batia. Ao observar que o pai aparentava satisfação com aquela situação, a menina pensava: “Eu aguento toda a pancada desde que não me toques. Estás a ver? Estás a ver? Nem choro. Mas não me tocas” (REIS, 2017, p. 23).

A situação abusiva só chegou ao fim quando a mãe de Sofia decidiu se separar do esposo e passou a viver com Carlos, homem, que até então, tinha sido seu amante. Esse momento marca o processo de rompimento de um período doloroso da vida da personagem. Isso fica nítido quando ela joga fora objetos simbólicos, dentre esses, os dedais da mãe que, como pudemos observar no decorrer da análise, marcaram profundamente os primeiros episódios de violências sofridas por ela na infância e a sua casa de bonecas, que representava a própria família: “[...] voltei para dentro e atirei tudo pela janela, os móveis minúsculos, o gato, tudo, e ainda o que restava da coleção de dedais da minha mãe. Ela não os queria, já não eram importantes” (REIS, 2017, p. 38). Notamos que ao fazer isso é como se jogasse fora todo o seu passado infeliz.

Logo, é no novo lar que a menina parece se livrar das constantes agressões físicas e psicológicas, pois passou a viver longe da presença do pai, e a mãe começou a apresentar uma nova postura com o intuito de transmitir boas impressões ao novo companheiro, visto que ele era um homem gentil, assim, supostamente, não permitiria tais práticas. No entanto, após a separação formal do casal, Sofia, mesmo contra a sua vontade, foi obrigada, por meio das medidas judiciais, a encontrar seu pai. Esses momentos “eram horas de suplício, horas minhas de perder o ar e imaginar sua morte” (REIS, 2017, p. 54). Porém, quando completou dezoito anos colocou um ponto final

nesta relação. Contudo, após algum tempo, quando o pai já estava velho e fingia ter apagado da memória o seu passado monstruoso, a moça volta a se comunicar com ele, mas, nunca deixou de sentir-se incomodada com a sua presença física ou voz, carregando as marcas da maldade para sempre:

Porque eu cresci para caber nas mãos do meu pai sempre que estava em casa. Não me canso de repetir isto. Porque eu cresci para caber nas mãos do meu pai sempre que estava em casa. Porque eu cresci... Há dias em que a lengalenga desaparece, depois volta. Volta sempre. E há coisas que eu sei e que nunca contei a ninguém. O que me foi roubado. O que isso significou para o resto da vida. A forma estranha da dor espalhada, ardente, pelo corpo. O poder do silêncio. Condensei esse assalto na ideia de ter perdido a hipótese de ser feliz. (REIS, 2017, p. 12)

O abuso sexual sofrido pela protagonista deixou resquícios no seu corpo e na sua alma. Sofia torna-se uma adulta complexa, que procura se relacionar com os colegas da faculdade, e, mais tarde, casa-se com um homem que também a agride, não conseguindo ser feliz. Essas práticas são típicas de quem sofre algum tipo de violência. No caso do abuso sexual, sobretudo o incestuoso, costuma deixar:

[...] feridas na alma, que sangram, no início sem cessar, e, posteriormente, sempre que uma situação ou um fato lembre o abuso sofrido. A magnitude do trauma não guarda proporcionalidade com relação ao abuso sofrido. Feridas do corpo podem ser tratadas com êxito num grande número de casos. Feridas da alma podem, igualmente, ser tratadas. Todavia, as probabilidades de sucesso, em termos de cura, são muito reduzidas e, em grande parte dos casos, não se obtém nenhum êxito. (SAFFIOTI, 2011, p. 19)

Na narrativa a personagem relaciona-se com o ator Rui Alonso, um homem egocêntrico, vaidoso e violento, uma típica personificação dos seus pais. Na fase de namoro já tem noção de que ele era um homem violento: “Na segunda semana de namoro, de forma inesperada, a mão dele ficara na minha cara” (REIS, 2017, p. 63). No entanto, leva adiante o relacionamento e os dois acabam se casando. Após o matrimônio, as discussões só aumentam: “Cinco minutos mais tarde, ouvi-o bater na porta, ou melhor, a dar um murro na porta e a gritar/ Puta./ Agarrei nas minhas mãos, agarrei a cabeça, depois tapei os ouvidos. Fez-se silêncio” (REIS, 2017, p. 51.). Sobre essa questão evidenciada na obra, estudos indicam que:

A vítima de abusos físicos, psicológicos, morais e/ou sexuais é vista por cientistas como indivíduo com mais probabilidades de maltratar, sodomizar outros, enfim, de reproduzir, contra outros, as violências sofridas, do mesmo modo como se mostrar mais vulnerável às investidas sexuais ou violência física ou psíquica de outrem. (SAFFIOTI, 2011, p. 18)

Notamos esse último aspecto no comportamento de Sofia. Todavia, não suportando mais a convivência com o esposo, resolve abandoná-lo em plena lua de mel e viaja para lugares como Rio de Janeiro, Lima e Paris. Esse deslocamento da protagonista parecer ser uma forma que ela buscava para

encontrar o sentido de viver, o seu espaço no mundo, no entanto, em nenhum desses locais encontrava algo que preenchesse o seu vazio. Ao retornar a Lisboa, Sofia reencontrou o seu grupo de amigos da faculdade, e iniciou outro breve relacionamento com Salvador, um homem atencioso e carinhoso, mas esse relacionamento também não se solidificou e ela seguiu na solidão.

Ao passo que a personagem vai narrando a sua história de vida, demonstra que, já com uma idade avançada, acometida por cancro, encontrou na escrita e na psicoterapia um bálsamo, sem nunca, apesar disso, conseguir verbalizar o abuso sofrido na infância:

Triste Sofia. Tudo isto penso eu sem dizer a ninguém. Tão-pouco descobri a escrita como salvação. Afogo-me, desde muito cedo, nos livros dos outros e ainda nos poemas mais previsíveis, pouco importa. Eu sirvo para pouco. O meu pai sabia. Quando me olhava, sabia. Estava à espera de que eu crescesse para a perfeição que imaginara e teria, então, a sua sorte e eu a infância roubada. (REIS, 2017, p. 21)

Desse modo, faz-se necessário ressaltar que o contexto de violência doméstica em Portugal, local onde se passa a narrativa, sugere-se ainda muito presente. Esse país continua apoiado em uma cultura patriarcal formada por costumes de famílias tradicionais. Nesse modelo os homens, provedores do sustento familiar, sentem-se no direito de violentar as mulheres. No tocante às agressões sofridas por crianças neste âmbito, ressalta-se que:

Desde sempre, as crianças têm testemunhado ou sido envolvidas em contextos de violência doméstica. Não obstante, demorou-se a assumir em termos públicos, não só os lugares e os papéis que assumem nestas relações, mas também como se gere a sua condição de vítimas e a reclamação dos seus direitos. (TOMÁS; FERNANDES; SANI; MARTINS, p. 390)

Assim, nota-se que a representação da personagem confirma essa afirmação. Sofia, enquanto criança invisibilizada, seja pelas pessoas próximas ou pelo sistema social, padeceu em silêncio com as violências sofridas e não conseguiu superar os traumas que os atos abusivos deixaram no seu corpo e na sua alma.

“NUM DIA LONGO, O MAIS LONGO DA MINHA VIDA, O MEU CORPO DEIXOU DE SER MEU”: O CORPO DISCIPLINADO E DEGRADADO COMO CONSEQUÊNCIA DA VIOLÊNCIA SOFRIDA POR SOFIA

Elódia Xavier (2007) ao elucidar categorias referentes ao corpo feminino, apresenta-nos definições pertinentes acerca desta temática no âmbito literário. Na obra analisada é possível verificar que a protagonista apresenta aspectos relacionados ao corpo disciplinado e degradado.

A personagem apresenta em seu corpo as marcas da violência sofrida na infância. Podemos comprovar isso em um momento da narrativa em que ocorre um diálogo entre ela e sua amiga Sara. Essa pergunta por

qual motivo Sofia tinha os joelhos cheios de nódoas, questionamento feito de modo inocente, mas que mudou a vida da protagonista, pois a partir dessa pergunta deixou de usar saia até os trinta anos. Nesse momento: “Sofia toma consciência de que seu corpo, além da sua alma, carregaria também as marcas dos estupros” (DUTRA, 2019, p. 146).

O corpo de Sofia recebeu influências negativas decorrentes dos abusos. Ela sentia-se feia, as marcas da violência estavam por toda parte: nos seus joelhos, decorrentes das posições que era obrigada a ficar para satisfazer os desejos do pai, nos cabelos, olhos e mente perturbada pela opressão que foi submetida na infância.

A personagem vive em um vazio existencial resultante do trauma. A disciplina de seu corpo faz com que, por meio de um processo traumático, não se entregue verdadeiramente a nenhum homem, por mais que esse fosse amável e gentil. O corpo de Sofia é de início um corpo docilizado e passivo, que aprendeu a lidar com a agressão e usa o silêncio como sua única defesa. A passividade corporal foi a maneira encontrada para suportar a violência. Ela aprendeu a lidar com as agressões de tal modo que chegou a desacreditar da sua capacidade de reagir.

Nesse sentido, com base em Xavier (2007, p. 58), destacamos o fato de o corpo disciplinado ter como característica básica a carência garantida pela disciplina. É possível verificar esse aspecto a partir da maneira como a protagonista se comporta diante da agressão. A dominação que o pai exercia sobre ela é relatada pela perspectiva da criança, dessa maneira, inocente, a menina achava que aqueles atos poderiam acontecer porque o pai possuía o poder de dominar o seu corpo. Nessa perspectiva, Pierre Bourdieu (2002, p. 46 *apud* XAVIER, 2007, p. 59) afirma: “Os dominados aplicam categorias construídas do ponto de vista dos dominantes às relações de dominação, fazendo-as assim ser vistas como naturais”. Neste sentido, a autoridade nunca é questionada, já que não compete ao corpo disciplinado questionar os procedimentos.

A estudiosa Elizabeth Grosz (2000), ao tratar sobre a questão do corpo feminino, mostrando como esse, ao longo da história, vem sendo inferiorizado e submetido a maus-tratos, destaca que o homem mantém um poder de dominação:

A codificação da feminilidade como corporalidade, de fato, deixa os homens livres para habitar o que eles (falsamente) acreditam ser uma ordem puramente conceitual e, ao mesmo tempo, permite-lhes satisfazer sua (às vezes recusada) necessidade de contato corporal através de seu acesso aos corpos e aos serviços das mulheres. (GROSZ, 2000, p. 63)

Na obra, durante a infância, Sofia se revela uma menina submissa e disciplinada. Com a separação da mãe e a mudança para outra casa, o corpo disciplinado deixou de ser passivo e reagiu, mas não a ponto de chegar a ser um corpo liberado, conforme as categorias de Xavier (2007). A personagem conseguiu romper com a disciplina no momento em que jogou todos

os brinquedos e a casinha de boneca que era semelhante à sua realidade. Esses objetos foram arremessados pela janela com muita raiva, significando o início de sua libertação. Dessa maneira, a disciplina que fazia parte do seu comportamento foi transformada em revolta. Apesar disso, Sofia ainda era incapaz de verbalizar sobre a agressão, continuando fechada e presa ao trauma. O afastamento do seu agressor e a possibilidade de aprender a lidar com a situação só aconteceu após a sua maioridade.

Constatamos, assim, que a degradação do corpo da protagonista é apresentada de diversas maneiras. Dentre essas, merece destaque a vida sexual desregrada que manteve na juventude ao ingressar na faculdade: “Servi-me do que era mais fácil: o meu corpo. Escolhi novos amigos pelo corpo” (REIS, 2017, p. 62). As relações estabelecidas com os colegas não proporcionavam prazer, tampouco felicidade. Usava o corpo, sem se importar com uma verdadeira satisfação, pois não se sentia digna de contentamento. Desse modo, verificamos que “com a desvalorização do corpo a mulher também foi desvalorizada; com o desprezo pelo corpo cresceu também o desprezo pela mulher” (XAVIER, 2007, p. 132).

Notamos essa desvalorização do corpo de Sofia ao observarmos a sua atitude em se envolver com Rui Alonso, namorado com quem se casou após poucos dias de namoro, mesmo já tendo sido agredida por ele antes de oficializar a união. Essa situação reafirma a sua condição de corpo disciplinado e degradado.

Como apontamos neste texto a partir do pensamento de Saffioti (2011), os comportamentos da personagem são comuns em vítimas de violência sexual. Dessa forma, Xavier (2007) indica que, ao passo que as personagens ficcionais fragmentam seus impulsos em múltiplas relações que se encaminham para o nada, elas acabam se degradando cada vez mais e encontrando apenas o vazio e a solidão, fato esse explícito na narrativa analisada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Abordar acerca da problemática da violência contra a mulher por meio da representação literária implica, acima de tudo, assumirmos a posição de pesquisadoras críticas que veem a necessidade deste assunto ser discutido através das diferentes áreas de estudo. Logo, encontramos na literatura, mais especificamente na literatura de autoria feminina, que — como foi possível verificar no decorrer deste texto — apresenta um teor crítico-denunciativo ao abordar a temática, uma possibilidade de trazer à tona o modo como as violências cometidas contra as mulheres, crianças e adolescentes estão fortemente presentes na sociedade em geral. E, na maioria das vezes, em virtude de pertencermos a um sistema social ainda patriarcal e opressor esse ato criminoso fica invisibilizado.

Desse modo, ao observarmos o posicionamento da autora ora em estudo, notamos que a sua posição ideológica feminista e as suas experiências de jornalista reverberam no teor da discussão. Fazendo uso de

uma linguagem forte, crua, sem mascaramentos, Patrícia Reis não teme se mostrar como uma autora feminista e denunciar a violência presente na sociedade portuguesa.

Nesse sentido, com a representação da protagonista constatamos uma série de problemas provenientes das violências sofridas no decorrer da sua vida, tais como os atos cometidos por parte da mãe e o abuso sexual infantil. Esses acontecimentos levaram a criança a ter uma vida adulta cheia de traumas. Verificamos, portanto, que a dor, o silêncio, a revolta, a solidão e os conflitos com o corpo, que mostrou ser disciplinado e degradado, foram algumas das consequências carregadas. Fato que nos faz refletir sobre o grande número de mulheres que passam por situações semelhantes às representadas pela personagem, não conseguindo se libertar dos traumas, e até mesmo verbalizar o abuso sofrido, resultando, dessa maneira, em destinos trágicos e infelizes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRÁPIA. *Abuso sexual contra criança e adolescentes*. Petrópolis, RJ: Editora Autores & Agentes & Associado, 2009.

DUARTE, Constância Lima. *Literatura Feminina e Crítica Literária*. Comunicação apresentada na ANPOLL - II Encontro Nacional, 26 a 29/ maio/ 87. Rio de Janeiro. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/travessia/issue/view/1569>. Acesso em: 17 Jun. 2021.

DUTRA, Paula Queiroz. *Entre a dor e o silêncio: a violência contra a mulher em romances contemporâneos*. 2019. 178 f. Tese (Doutorado em Literatura) — Universidade de Brasília, Brasília, 2019. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/35677?locale=en>. Acesso em: 20 Jun. 2021.

GOMES, Carlos Magno. Marcas da violência contra a mulher na literatura. *Revista Diadorim*. Rio de Janeiro, v. 13, p. 1-11, jul. 2013. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/view/3981/15576>. Acesso em: 05 Jul. 2021.

GROSZ, Elizabeth. Corpos reconfigurados. *Cadernos Pagu* (14). Campinas-SP, Núcleo de Estudos de Gênero-Pagu/Unicamp, p. 45-86, 2000. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8635340>. Acesso em: 20 Jul. 2021.

MORESCHI, Marcia Teresinha. *Violência contra crianças e adolescentes: análise de cenário e propostas de políticas públicas*. Brasília: Ministério dos Direitos Humanos, 2018.

REIS, Patrícia. *A construção do vazio*. Lisboa: Dom Quixote, 2017.

SAFFIOTI, Heleieth. *Gênero, Patriarcado, Violência*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2011.

SCHMIDT, Simone Pereira. Ainda o feminismo, ou o feminismo ainda mais. *In*: KAMITA, Rosana Cássia; FONTES, Luísa Cristina dos Santos (org.). *Mulher e literatura*. Ilha de Santa Catarina: Ed. Mulheres, 2015. p. 481-497.

TOMÁS, Catarina.; FERNANDES, Natália.; SANI, Ana Isabel.; MARTINS, Paula Cristina. A (in)visibilidade das crianças na violência doméstica em Portugal. *SER Social*, [S. l.], v. 20, n. 43, p. 387-410, 2018. Disponível em: https://periodicos.unb.br/index.php/SER_Social/article/view/18867. Acesso em: 02 Ago. 2021.

XAVIER, Elódia. *Que corpo é esse? O corpo no imaginário feminino*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2007.

ZOLIN, Lúcia Osana. A crítica feminista. *In*: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (org.) *Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 3. ed. (revisada e ampliada). Maringá: Eduem, 2009. p. 217-242.

Recebido para avaliação em 23/05/2023.

Aprovado para publicação em 09/08/2023.

NOTAS

1 Mestra em Literatura e Interculturalidade pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade (PPGLI), da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Graduada em Letras com habilitação em Língua Portuguesa pela mesma Instituição. Pós-Graduada em Linguagens, suas tecnologias e o mundo do trabalho pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Desenvolve pesquisas nas áreas de Literatura Portuguesa e Literatura Brasileira, com foco nos Estudos de Gênero.

2 Doutoranda em Literatura e Interculturalidade pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade (PPGLI/UEPB). Mestra em Literatura e Interculturalidade pelo mesmo Programa. Pós-Graduada em Atendimento Educacional Especializado: Ampliando a pesquisa e fortalecendo a prática pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Atualmente é professora do Departamento de Educação da Universidade Estadual da Paraíba.

3 Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência. N.E.